

# “UM CORAÇÃO INTELIGENTE”: DISCUTIR A LITERATURA SOB O OLHAR DE FINKIELKRAUT

MARIA DO ROSÁRIO LUPI BELLO

Universidade Aberta

Mail:

## Abstract

This paper wishes to be a contribution to the current debate about the role of literature in the context of the so-called ‘crisis of the Humanities’. By taking into account Alain Finkelkraut’s concept of “intelligent heart” and confronting it with Steiner’s and Todorov’s views of literature and literary studies, a specific notion of literary experience is here proposed, as a way of freeing the literary phenomenon from the structuralist enclosure and opening it up to new possibilities of incidence in the world.

*Keywords:* humanities’ crisis, intelligent heart, literary experience, role of literature

No seu recente discurso em Portugal, aquando da entrega das insígnias *Honoris Causa* pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, George Steiner afirmou que a esperança na capacidade humanizadora das artes terminou para sempre perante o terrível espectáculo dos dois imensos conflitos europeus que foram as duas grandes guerras do século XX. E foi mesmo mais longe, referindo o “genuíno momento de crise das Humanidades”, para o qual as próprias Humanidades terão eventualmente contribuído. “É possível que as Humanidades nos tornem menos humanos”, desafiou, na medida em que, embora possibilitando a criação de uma maior riqueza interior, paradoxalmente nos alienam da realidade, tornando-nos insensíveis às necessidades do nosso semelhante, as quais nos chegam sob uma aparência de fealdade, desordem, desconforto. É possível, exemplificou Steiner, que uma pessoa caminhe na rua ouvindo dentro de si os melodiosos acordes de uma sinfonia de Mozart, sendo indiferente aos pedidos de socorro de alguém caído na estrada.

Nas linhas que se seguem gostava de colocar-me interrogativamente perante este tremendo desafio, eventualmente formulável do seguinte modo: será verdade que a experiência da arte – ou, mais precisamente, neste caso, a experiência da literatura – contribua, pela sua própria natureza, para o fechamento do eu no seu prazer pessoal e, portanto, contenha em si mesma a semente de uma incomunicação última, a instigação a uma insensibilidade à experiência alheia, a poderosa sugestão de uma alienação do real, particularmente naquilo que ele contém de não assimilável esteticamente? Na tentativa de responder a esta pergunta decisiva afigura-se-me muito valiosa a contribuição de Alain Finkelkraut, em especial o conceito que dilucida na sua recente obra *Un cœur intelligent* e que sobressai em diversas entrevistas, nomeadamente nas que publica em *Ce que peut la littérature*.

Importa, no entanto, começar por situar brevemente o debate actual acerca do valor da arte. A mesma tendência que levou às posições que defenderam a morte do autor e o des-

construcionismo radical na literatura, bem como à negação autotélica do *hors texte* podem encontrar-se na arte contemporânea em geral, que tende a privar a imagem da possibilidade de representação. O *quadro negro* de Malevich pode ser visto como o símbolo por excelência de uma arte que já não acredita em si própria, que manifesta uma vontade de ir para além de si mesma, que desconfia da beleza como critério e recusa a natureza como dado. Não é por acaso que Hans Sedlemayr fala da *perda do Centro* e da crise da Arte Moderna, ou que uma artista como Cecily Brown nega a própria arte, ou ainda que Baudrillard se refere ao *Complot das artes*. Ressalta destas posições o desencanto sobre a possibilidade de uma aliança verdadeira e fecunda entre a razão e o sentimento, o que tem como consequência a aposta, por um lado, no valor exclusivo do prazer e da emoção como dons solitários da experiência artística, e, por outro, na separação entre a escrita (ou qualquer outra forma de construção estética) e a leitura interpretativa da realidade. Obviamente que alguns artistas e pensadores têm sabido manter uma saudável distância crítica em relação às versões mais excessivas destas concepções. René Wellek (1990), por exemplo, insiste em que algum tipo de autoridade tem de residir no texto, algo a que chama uma “estrutura de determinação”, a qual impede a pluralidade aleatória de interpretações, que é o mesmo que dizer, o valor nulo da interpretação. Mas estas vozes não podem deixar de ser vistas como sinais isolados num universo que se tem encaminhado maioritariamente para a separação entre a arte como construção que remete para si própria e a vida como existência paralela, intocável pela criação estética.

É neste ambiente contemporâneo de suspeição acerca da possibilidade comunicativa da arte, e evidenciado no actual desinteresse pelo estudo das Humanidades, que a afirmação de Finkelkraut sobre a literatura como aquilo que “ilumina o mundo” ganha um peso de provocação que vale a pena considerar. No livro que publicou em 2009, *Un cœur intelligent*, o filósofo francês aborda nove diferentes autores literários, em busca do caminho que possa restaurar aquilo que ele considera ser a fractura pós-moderna entre razão e sentimento. Partindo do pedido que o rei Salomão coloca a Deus, no Livro da Sabedoria, que lhe seja concedido precisamente “um coração inteligente”, Alain Finkelkraut afirma acreditar que – como explica numa recente entrevista (Rossi, 2010, p. 25) –, num século onde a razão foi escravizada ao particularismo do funcional ou à abstracção generalista e impiedosa da ideologia, só a literatura pode responder à oração do rei Salomão:

Coração e inteligência devem voltar a falar entre si. O perigo que corremos não está na falta completa de um ou da outra mas no seu divórcio: se coração e inteligência seguem cada um por sua conta, os efeitos são devastadores. O século XX demonstrou-o, promovendo, por um lado, uma inteligência puramente funcional, de burocratas, e por outro lado, um sentimentalismo indiferente à pessoa singular.

E, por isso, conclui citando Hannah Arendt

Somente um ‘coração inteligente’, e não a mera reflexão ou o mero sentimento, nos permite viver com os outros num mesmo mundo.

Colocada nestes termos, a proposta deste pensador parece contradizer a hipótese algo derrotista de George Steiner no que à incapacidade humanizadora da literatura diz respeito. É à separação entre razão e sentimento, por um lado, e à praxis ideológica, por outro, que Finkelkraut atribui as culpas da indiferença, em vez de à arte. É a ideologia que divide os homens em tipos e os sacrifica à verdade que anunciam, continua o filósofo:

Todos vimos onde leva a ideologia: ao propor estripar o mal, imobiliza o coração. Como bem descreve Vasilij Grossman, chegamos a odiar em nome do amor.

Finkelkraut poderia ter igualmente citado T. S. Eliot quando, nos seus *Coros de “A Rocha”*, fala da tentativa desmobilizadora da utopia, que cria homens que “sonham sistemas tão perfeitos que ninguém precise de ser bom”. Pelo contrário, a literatura não se preocupa com sistemas abstractos e grandiosos, mas antes “dá grande importância aos pormenores e acolhe o que é banal e ordinário”, diz Finkelkraut na mesma entrevista, ou seja, é precisamente ela que, a partir do pormenor, pode levar à captação e à compreensão do geral, já que a ela interessa o ser humano na sua singularidade universal.

A fim de discutir “o que pode a literatura”, Finkelkraut (2006) convida uma série de escritores e pensadores actuais, com os quais conversa acerca de questões tão pertinentes como “o poder do romance”, “o gosto dos Clássicos”, “o lugar dos poetas” e sobre grandes autores como Camus, Joseph Roth, Aharon Appelfeld, Coetzee, Céline, Aragon, Pasternak, Richard Hoggart, Roland Barthes, entre outros. O livro onde publicou tais entrevistas é valioso para a compreensão desta sua defesa da literatura. Desde logo porque o filósofo insiste, desde o primeiro momento, no valor cognitivo da arte literária, na sua capacidade de nos fazer manter o contacto, dentro do contexto de abstracção democrática em que vivemos, com aquilo a que Bloom chama o “fenómeno humano”. Mas – perguntamos nós – bastar-nos-á o confronto com a multiplicidade imensa que assumem as diversas vivências do fenómeno humano para que possamos ceder ao seu fascínio, à sua força transformadora, e desta forma evoluamos enquanto seres humanos? Qual o mecanismo que pode fazer da leitura literária o lugar de uma “conversão”, entendida aqui em sentido literal, como mudança de olhar?

Antes de mais é preciso aceitar que se trate precisamente disso – de um “olhar” sobre o real. Finkelkraut sublinha que tal acepção seria, para um escritor como Henry James, considerada absolutamente evidente e não problemática, ao contrário da forma que ela assume tantas vezes na contemporaneidade. De facto, para James o romance, antes de ser narrativa, é olhar, “relação com o ser, maneira de apreender o mundo”. Mona Ozouf, uma das pessoas entrevistadas nesta sessão, aprofunda a ideia: “Le spectacle a été perdu par le roman contemporain, mais il fait l’essence du roman” (Finkelkraut, 2006, p. 45). E conclui: “Un monde est contenu dans le simple fait de regarder” (*ibid.*, p. 45). Esta concepção do romance como olhar pressupõe, na verdade, a possibilidade de que o próprio mundo seja espectáculo, realidade passível de transformação em cena visível, em acção significativa.

A poetização progressiva de uma certa tendência do romance actual, que tende a largar as cordenadas espacio-temporais e outros aspectos específicos da narrativização, parece esconder esta possibilidade, ou mesmo alhear-se dela.

Ora, valerá a pena lembrar o correlato desta tendência, ou seja, a desconfiança narrativa que invadiu, bem o sabemos, a arte contemporânea (e não apenas a literária). O cinema de vanguarda, nomeadamente em Portugal, preocupa-se em afirmar à exaustão que o cinema não pretende “contar histórias”, como se tal facto – inalienável de uma arte que se desenrola no tempo e que desta forma dá visibilidade à transformação, à sucessividade dos acontecimentos – lesasse gravemente a sua autonomia e a sua dignidade de Sétima Arte. Tal receio, digamo-lo claramente, manifesta uma concepção “estratégica” e redutora da narrativa, que a toma por mero instrumento para a organização do suposto caos da existência, em vez de se abrir à possibilidade de que ela, como sublinha Marc Fumaroli, outro dos convidados de Finkelkraut, (a propósito da poesia), possa naturalmente revelar uma qualquer ordem subjacente:

Le poète rend un immense service à ses contemporains quand il travaille à faire apparaître la lumière de cet ordre sous les apparences. C’est quelque chose de ce genre qui manque à la littérature moderne, je crois. (2006, p. 309)

Filha do espectador de televisão, que vive subjugado à tirania do divertimento e à permanente fragmentação do sentido, a literatura moderna perde, aos poucos, a confiança na profundidade anagógica da sua visão.

Por outro lado, a condição moderna da escassez de tempo parece privar tanto o escritor quanto o leitor contemporâneo da possibilidade da própria experiência. Citando Walter Benjamin, que afirma que “o tédio é a ave que choca o ovo da experiência”, Mona Ozouf (*ibid.*, pp. 43-44) não hesita em caracterizar o romancista actual como sofrendo de dois tipos de defeitos: um excesso de confiança no “eu” do autor (consequência do autotelismo narcisista que a literatura moderna favoreceu) e uma desconfiança sistemática nos procedimentos narrativos, os quais se vêem sucessivamente complexificados, como se não tivessem, por si mesmo, qualquer capacidade de captação do leitor. Tal insegurança, é bom de ver, radica ultimamente numa desconfiança acerca do próprio real. Pouco convencido de que a realidade mereça ser olhada com atenção – já que nela encontra uma humanidade cega, mesquinha, repugnante e desesperadamente perdida – o escritor contemporâneo-tipo emprega todos os esforços para se compreender a si mesmo nesse encerrado laboratório do “eu” que é o texto. Como afirma Todorov no seu brilhante ensaio sobre *A literatura em perigo* (2007, p. 35), na actual corrente niilista e solipsista que procede do Formalismo literário, “la littérature n’est plus alors qu’un laboratoire où l’auteur peut s’étudier à loisir et tenter de se comprendre”. E assim, “autant le monde est repugnant, autant le soi est fascinant!”.

Todorov responde, aliás, na obra citada (*ibid.*, p. 72), ao repto de Finkelkraut acerca do que pode a literatura, afirmando claramente que, se libertada do constrangimento do

solipsismo, “la littérature peut beaucoup”: “révélation du monde, elle peut aussi, chemin faisant, transformer chacun de nous de l’intérieur”. E acrescenta, corajosamente:

Le lecteur ordinaire, qui continue de chercher dans les oeuvres qu’il lit de quoi donner sens à sa vie, a raison contre les professeurs, critiques et écrivains qui lui disent que la littérature ne parle que d’elle-même, ou qu’elle n’enseigne que le désespoir.

Para Todorov não há dúvida de que, encarada como proposta de significado, a literatura “educa o humano”, permitindo que cada um responda à sua vocação de homem ou de mulher.

Retomemos então o perturbante juízo de Steiner: a literatura pode, pelo contrário, desumanizar? É perante esta hipótese radical que o conceito de “coração inteligente” proposto por Finkielkraut pode trazer a chave interpretativa de que necessitamos, sobretudo se tal conceito for entendido nas suas implicações existenciais. Na verdade, a unidade plena entre coração e sentimento verifica-se através daquele gesto decisivo que é condição do “fazer experiência”: o juízo. Se entendido como aplicação da inteligência, da consciência, da razão, ao objecto que gera a emoção – o sentimento –, por forma a definir-lhe a natureza, a essência, o significado, então ajuizar torna-se o grande critério educativo, a grande possibilidade da mudança interior de que fala Todorov. Usando a sua liberdade para interpretar (René Wellek gosta de lembrar que sem padrão de interpretação não há padrão de avaliação), o leitor coloca-se, através do acto de ajuizar, na posição adequada, de abertura, para estabelecer o percurso completo entre o dado que acolhe e a sua origem, o seu significado último. É, aliás, o próprio Steiner (Jahansbegloo, 2000, p. 77) quem afirma que “ler é [...] receber em nossa casa um convidado, ao cair da noite”, é “um acolhimento aberto ao pensamento, ao amor e ao desejo dos outros”. Vivida com esta capacidade de abertura, a leitura é, portanto, como ele mesmo admite, um acto que envolve um grande risco: “é possível que o convidado destrua e incendeie a casa inteira” (*ibid.*, p. 80), isto é, que nos mude radicalmente.

Vale, pois a pena, colocar a hipótese inversa àquela que nos trouxe até aqui: não é necessariamente à literatura que “falta” alguma coisa, sobretudo se esta for criada e experimentada por aquilo que é, em vez de tornada cortesã de ideologias ou de modas pseudo-críticas e niilistas. O que muitas vezes acontece é que o “convidado” que bate à porta do leitor depara com a “casa” vazia, com a estranha ausência do dono da casa. Finkielkraut (2006, p. 118) lembra que a Shoah não foi tanto, para os judeus, “l’épreuve du silence de Dieu que l’incroyable événement de l’*Homo absconditus*”, o homem ausente. Na verdade, talvez seja esta a amarga característica da nossa época: um tempo em que falta o humano (e daí a crise das Humanidades), em que falta a capacidade de dizer “eu” com consciência e verdade, de fazer a experiência desse juízo que muda, arriscando levar até ao fim a exigência de infinito que constitui o humano. Se tivermos em conta o desafio de Finkielkraut, será caso para dizer que aquilo que faz falta é a educação do coração. Disso já falava a escritora sulista americana, Flannery O’Connor quando, instada por uma leitora que dizia lamentar que os

seus livros não trouxessem alívio ao coração do leitor, que chega a casa cansado, a escritora respondia, cortante, que se o coração da senhora estivesse no sítio certo, teria certamente sido aliviado pela sua leitura. Também outro genial escritor americano, este recentemente falecido, David Foster Wallace, falava aos finalistas de Kenyon College, em 2005, acerca da necessária educação, nos cursos de *liberal arts*, para a decisão consciente e livre sobre aquilo a que vale a pena prestar atenção, em vez da aceitação instintiva desse mesquinho auto-centramento que a natureza, por si só, imprime em cada um de nós. E Baudelaire defendia que uma crise nunca se explica pela falta de uma ou outra instituição, mas sim pelo aviltamento do coração.

George Steiner cita Péguy quando fala da responsabilidade que a leitura implica. Na verdade, o escritor francês sublinhava que só o leitor completa o texto, já que este se assume como proposta à qual é necessário responder. Por isso, acrescenta Steiner: “Trata-se portanto de responder à presença e à voz de outrem” (Jahanbegloo, 2000, p. 77). Não devemos recluir o regresso ao biografismo psicologista se arriscarmos considerar a leitura como um lugar de encontro, porque é com a presença que habita o texto que devemos entrar em diálogo, não com o fantasma que inventamos a partir de dados empíricos que nunca poderemos plenamente compreender e dominar. E é este o diálogo – feito de sentimento e de razão (porque é a emoção, a afeição perante aquilo que se encontra que leva a pensar e a ajuizar) – que permite o confronto entre o mundo encontrado na leitura e o mundo que nos constitui. A esse confronto Finkelkraut ousa chamar, biblicamente, “a luta com o anjo” – porque se trata de uma batalha inevitável (a menos que se fuja de si próprio), persistente e existencialmente decisiva.

Ao introduzir o seu livro *Un Cœur intelligent*, Alain Finkelkraut afirma que na época contemporânea Deus se calou, não responde à humanidade. E, ao concluir este conjunto de leituras literárias, o filósofo leva a sua proposta ao ponto radical: “Être homme c’est confier la mise en forme de son destin à la littérature” (Finkelkraut, 2010, p. 280). Será talvez excessivo confiar o próprio destino à literatura, mas o ponto que subjaz a esta conclusão é sem dúvida verdadeiro: se a arte é “*éclaircissement de l’être*”, ler pode tornar-se a grande possibilidade de fazer experiência dessa “iluminação”, através do encontro com palavras que, pelo seu ímpeto de grandeza, “ajudam a viver melhor”, como diz Todorov. A condição, porém, é a de aceitar o risco da experiência que a leitura sugere, uma experiência que, para poder considerar-se humana, não pode prescindir do “eu”, ou seja, implica a admissão da incomensurabilidade do desejo, da absoluta exigência de sentido escondida no coração de cada leitor.

## Referências

- Jahanbegloo, Ramin (2000). *Quatro entrevistas com George Steiner*. Lisboa: Fenda.
- Finkelkraut, Alain (2008). *Ce que peut la littérature*. Paris: Éditions Gallimard. Éditions Stock.
- Finkelkraut, Alain (2010). *Un cœur intelligent*. Paris: Éditions Stock/Flammarion.
- Fitzgerald, Sally & Robert (1997). *Flannery O'Connor. Mystery and Manners. Occasional Prose*. New York: The Noonday Press.
- Rossi, Fabrizio (2010). Só o coração é inteligente. *Passos*, I, 24-26.
- Todorov, Tzvetan (2008). *La littérature en péril*. Paris: Éditions Flammarion.
- Wellek, René (1990). The New Nihilism in Literary Studies. In: François Jost (Ed.), *Aesthetics and the Literature of Ideas: Essays in Honour of A. Owen Aldridge*. Delaware, USA: University of Delaware Press.

